

A LAGRIMA

QUINZENARIO ILLUSTRADO

PEQUENA CHRONICA

DEZEMBRO

Cahe a neve, alli fóra, pela peneira de seda d'um ventinho arrepiante.

As arvores estão despidas de folhas, núas como a imagem da Misericordia, erguendo os braços esqueleticos para o ceo, que é negro como a aza d'um córvo, a pedir mizericordia!

Os melros luzidios, tão alegres como uma aurora e tão sympathisantes como a ternura d'um beijo de creança, andam foragidos, das oliveiras e dos loureiros, com medo nos caçadores cobardes. Só aquella pequenina ave, tão leve como um sonho, que tem umas pernitás finas como o espirito da minha amada, e um cóllo tão suave como as horas do nosso amôr, só ella, a levantisea, sorri alegremente, n'uma alegria hilariante, no meio da geada que é fria, atravez do frio que é gêlo.

Faz-se noite.

Os ciprestes do adro atiram-me, na juba escura, canções funéreas.

O comboio, rolando pela trincheira funda, surdamente, como o arfar d'um condemnado, dá-me a nota d'um doido furioso, arrostando os perigos d'um precopicio atroz, que atravessa a olhos fechados.

Em frente, os dubios candieiros da villa, como lanternas se ni-mortas, fazem-me lembrar as tochas d'um acompanhamento nocturno a um cemiterio desolado!

E vai cahindo, peneirada pela peneira de seda d'um ventinho arrepiante, a geada branca, muito branca, dealbante, assim como uma chuva miúda de pontas de alfinetes de prata, nos braços nús das arvores, nas telhas da habitação fronteira, no sólo empapado d'agua, na sérra da palha, nas folhinhas rebentos das roseiras e no grande espaço indefonido da natureza miserriua e triste.

Tudo em roda é desolação. Tudo em volta é tristeza.

Gemem doloridamente, n'uns arrancados ais do peito cheio de mágua, os mansos e pacatos bois. A herva é fria, a palha é dura!

E, como a noite vai adiantada, a neve principia a ser mais fria, o ar mais humido, o ambiente mais pesado.

O ceo, que era côr de chumbo, torna-se côr de azeviche.

Tremem de frio os quentes galinaccos, e tiritam, mordendo os labios, todos os viventes.

E, no entanto, apesar da treva que é densa e da geada que é atroz, collocaram alli fora, na lama do caminho, uma creança recém-nascida!

Não tem senão dous trapos a resguardal-a do frio intenso e da humidade mortifera.

Foram buscal-a. O chôro era lancinante, fazia lembrar o grito surdo d'um grilheta de cincoenta annos. Mal se precebia. Era um chorar em surdina, assim como o som d'uma rebecca, em dia de Trovas, tangida por mãos de maestro.

Está aqui, a innocente. Assoprou-se mais á fogueira incendiante, e aquececeram-se-lhe os membros roxos e hirtos ao lume bendito da la-roira.

«Quem será esta infeliz abandonada?»

Desapertando-lhe o vestidinho de xadrez em quadrados vermelhos, viu-se-lhe como que uma facha de seda á cinta, e n'um cartão aromatico esta elegia sentimental:

«Decem-lhe o nome de Tulia. As cinco letras d'este nome ficam gravadas n'um anel de brilhantes, que será, em pouco tempo, da caridosa ama que a amamentar. Adorem-na, que o meu coração vai com ella.»

Cahe a geada branca, muito branca, dealbando os braços nús das arvores, e pondo no sólo empapado d'agua um tapete de prata, branca, muito branca.

E, como fosse dia de Natal, a ceia deitou a horas largas.

Cantavam já os gallos nos poleiros, e a neve, á madrugada, ia-se coagulando em floeos por sobre o sólo.

Ao romper do sol, quando a geada se principiava a derreter, fazendo como que uma lagôa de crystal, amorosa e amorante como as lagrymas que se côam crystalinamente dos olhos da minha amada, um vulto desconhecido entrou ao portal, e chamou.

—Não recolheram aqui uma creança abandonada?

—Recolhemos. Está dormindo no berço ao lado de minha filha.

—Pois bem. Dêem-m'a. Venho de muito longe buscal-a. Dêem-m'a.

Deram-lh'e a creança.

—Está já baptisada? Pizeram-lhe o nome de Tulia?

Está! Fui eu a madrinha.

—Pois então aqui tem.

E deu-lhe uma nota de 50 mil reis, e um anel de brilhantes.

A LAGRIMA

—Mas...

—Não diga nada. E' por este anol que você ainda hade ser feliz. Não o perca.

Hoje, como n'aquella noite e n'aquella madrugada, porque esta esena deu-se ha onze annos certos, a neve cahe gelante pelos braços nús das arvores sem folhas.

¿Quem expoz aquella Tullia innocente na lama paparrenta dos caminhos, ao frio, á neve, ao degêlo constante?

Foi a sociedade. Foram as leis, que não obrigam os paes, todos os paes, a cuidar e alimentar os filhos. Foi o Codigo, que não dá responsabilidade aos progenitores solteiros.

Mas estamos em dezembro. Cahe a neve gelante pelos braços despidos das arvores núas.

E como a neve é fria e as arvores núas dão o espectáculo tristissimo da Miseria,— lembrem-nos dos innocentes orphãosinhos que não tem leite e que não tem pão!

Approxima-se o Natal.

Lembre-mos das creancinhas desamparadas.

St.^a Eugenia.

Z. SARAGAGO

A ALMA

[Ao Dr. Alfredo Peixoto]

—Que fazes sentada n'umas duras lages!...
Aqui tens a minha capa...—Tanto frio que corre!—Vem ao meu fogão... accendi-o para ti... Vem: muda os teus rotos andrages...

A noite é hyemal. Aqui terás por leito pedras, a estalar, do madido caminho...
E no meu castello... cama só de arminho!...
lá no meu castello... calôr para o teu peito!...

Do vento homicida tu serás escrava:
ferirá teu corpo assim como a lanceta...

.....
—Que lhe importa o frio, á alma d'um poeta,
se ella é um vulcão de que o amor é lava?...

(Das Cinzas)

DÁ MESQUITA

N'uns impulsos e sentimentos de horizontal e d'anarchista, continua o fiel dos feitos—Campos de Lima—a evacuar, na «Verdade», palavras bestialisadoras e bestialisantes,—cujo fim é conspurcar tudo e todos.

Que o faça, não nos admira, porque obedece a instinctos de Nero. Querer que esta creança, porque o é, dê outra coisa, é o mesmo que querer que um chacal não coma carne; é o mesmo que querer que um verme saia da podridão.

Ora, o que nos admira, é que um jornal, como a «Verdade», que em tempo fez uma razoavel figura no jornalismo e que pertence ao grande partido democratico, consinta na publicação d'escriptos de creanças que offendam pessoas dignas, que não conhecem, e que pela sua impericia não teem competencia para conhecer e das quaes, aliaz, po lem receber lições.

Só pôde ensinar quem tenha conhecimentos e experiencia do mundo; só pode ensinar e aconselhar quem tenha auctoridade para o fazer. E uma creança... um imberbe... um inexperiente... um insignificante... um rabiscador do «Anno do Nascimento»... não tem, a nosso ver, esses conhecimentos, essa experiencia, essa auctoridade.

É, portanto, por isto, que nós censuramos os jornaes que se prestam a receber e propagar as parlatices de qualquer creança, como aquelle a que alludimos; porque embora não consiga o fim a que mira, essas parlatices enojam quem as lê e rebaixam a alta e nôbre missão da imprensa.

Mas, quem sabe? talvez os collegas que acariaciam o bébé Lima o julguem um illuminado, um portento, um assombro, um genio!

Lembram-se de certo que é Barcellos a terra dos meninos celebres; que foi aqui que nasceu o Menino Virtuoso que lá para o sul arrebatou as massas e confundiu os homens de sciencia! A' sua voz levantavam-se os Lazaros e andavam os paralyticos... Não havia molestias, não havia incommodos... A humanidade estava salva! Prodigioso Menino...

Por isto, que julgarão do bébé Lima? Provavelmente um cerebro assombroso que nem Gall saberia descrever!

Vêm-n'o occupar-se de criticas de theatro; de questões de postuguês; de sociologia e de todos os ramos do saber humano, e por isso assim o acreditam!

Mas, estão enganados, o gavroche de que se trata é um rapsodista, um curioso das letras. Os artigos que tem publicado no nosso distincto collega a «Ideia Nova», attestam só a leitura de meia duzia de jornaes democraticos d'uma semana... Nada de novidade! Coisa charra e charrissima. Não é preciso intelligencia para fazer d'aquillo,—basta paciencia...

Esses artigos são, bem se vê, muito lapidados... por outro... Agora, o que é d'elle—o estylo é o homem—são as correspondencias. Que desalinho aterrador!... Que falta de nexo!... Bem se vê que são de um filho da... asceira.

Parece impossivel que n'um corpo tão boneco—que parece um abórto da natureza—se acoite cerebro tão extraordinario. Cerebro d'anarchista: só com a differença que este emprega a dynamite e aquelle a injuria. Uma mata e a outra offende.

A que ponto chegamos!

O rapaz, coitado, faz tudo inconscientemente, animalmente. Umaz vezes por a má indole que o

A LAGRIMA

caracterisa, outras influenciado por um tal João Barbosa, productor da seguinte quadra, que já criticamos, e d'outras bacorallas:

Se fora santo que milagres fizesse,
—Ai filha qu'rida, com que devoção!—
Com chave d'oiro, mas bem fechadinha,
Te guardaria no meu coração.

Por aqui se depreheende que este inspirado e mavioso poeta tem o coração do tamanho da cabeça, que é igual, no dizer do povo, a uma comarca! E, se assim é, pode dizer-se que o grande vate tem um coração de comarca.

O' senhor poeta, se é amigo do *petit* Aristarcho Lima, albergue-o no seu coração, feche-o lá com a sua chave d'oiro, e poupe-o á irrisão do povo.

Quando o vir sufficientemente crescido, bem elucado e instruído, abra-lhe o portão, solte-o e deixe-o approssimar da gente que se presa.

Cá o esperamos.

Tu loço que acabamos de dizer não se tome á conta de resposta. Cumpri-mos a nossa missão e exercemos um dos preceitos da religião christã:— ensinar e castigar os ignorantes...

Se o patola continuar resfolegar, recom'nha-mol-o ao administrador do conselho e ao suble-gado de saúde, para desinfectarem o animalsinho, cujo cheiro incummoda e é nocivo á saúde publica. Shoking!

ERTIL

NOTAS DA QUINZENA

(ASSUMPTOS SERIOS A RIR)

Como se está em vesperras do Natal, a feira é muito mais concorrida.

Vem de todos os lados, de todos os ventos da villa, do norte e do sul, do nascente e do poente, os porquiveros, os apaixonados da carne de porco; vem os gulosos, os que procuram o mel das amphoras vidradas, para fazer o «vinho quente» na noite de Consoada.



Veem as raparigas comprar as prendas para estrear no dia da festa, o lenço de seda de ramagens

vermelhas, as chinelinhas bispontadas a retroz verde, o chaile de merino, em quadros...

E' uma faina. Um rodopio extravagante e alegre.

E no meio de toda esta reboada folgazã e mi-nhota, no meio de todo o movimento de chapel-leiros, e sapateiros e tamanqueiros, a expôr á venda nas suas barracas de madeira 'marginando a estrada, os seus productos muito bem limpos e muito bem espanados,—appareceram tambem em Barcellos os curandeiros, os *doutores* e *chimicos* em Pariz formados, intruções d'alto cothurno, sa-bios como Salomão, que conhecem todos os males e para todos dão cura com os seus *especificos*:— uns vidrinhos embrulhados em papel de côr, agua de fonte milagrosa que cura todas as chagas e dá alivio a todas as dôres.



E, então, é magnifico o processo de reclamo d'estes *medicos*!

Veem para o meio da feira, n'um carro desco-berto, accompanhados de muzica, que lhes toca diferentes peças nos intervallos de descango á sua loquella.

Emquanto elles vão pregando a verdadeira «peça» ao Zé Povinho.

Mas aquillo é maravi lhoso. Cousa nunca vista, Se fosse no tempo do rei Herodes e no reino da Patagonia, passavam por uns santos—a fazer mi-lagres!



O povinho assim o quer. Elles extrahem dentes *sem dor*, tiram nódoas aos chapéus cheios de sur-

A LAGRIMA

ro, curam as frieiras, limpam os cálios, tiram cataratas...

Só a auctoridade é que não se importa com as cataractas, que estes *medicos* vão accumulando na educação do povo!

Pois é isto serio? Pois é isto digno?

Consentir no espectáculo d'estes santos milagreiros, que tem especifico para todas as doenças e remedio para todos os males, é ver uma mão



antes da cura



e depois da cura...

simplesmente n'um liquido qualquer, é entorpecer o povo, é bestialisar as massas, é puxar para traz na redea pesada da instrução popular.

E não são simplesmente estes os unicos intrusões da nossa feira.

São os cegos, que cantam á viola crimes horrendos! Trazem uns paineis pintados com borrões fingindo mulheres assassinadas, coisas terríveis, explicam—cantam lo—esses imaginaveis crimes, e depois—quem quizer saber melhor compre o folheto, que custa 20 rs.



A questão é dos 20 reis.

Mas, muito a serio. A auctoridade deve prohibir esta pouca vergonha, esta temerosa propaganda do vicio e do crime, que esses exploradores vão alastrando pelas aldeias. Toda a gente sabe o terrivel effeito da publicação de noticias sobre suici-

dios. Os jornaes, por diferentes vezes, fizeram accordo para as não publicarem. Só a ganancia d'alguns é que, depois, quebrou esse contracto moralizador.

Pois bem. Esses paineis, e esses folhetos, essas historias cantadas na feira á viola, e lidas, depois, á noite, ao serão, não são tambem noticias propagandistas de crimes, de vergonhas, de misérias sociaes?

Quem não vê isto; quem não palpa isto?

E' preciso termos juizo.

Essas historias, que por ahi se cantam á viola e se vendem em folhetos, são uma semente terrivel de crimes e de misérias.

Quem consente n'esta propaganda commette um grande crime social.

JOÃO DO MINHO

NO BAILE

(...)

E's como a rosa gentil,
macia, pura e perfumada;
és o lyrio do meu sonho,
e o sorrir d'uma alvorada!

E's tão bella e captivante
Como as doces madrigaes.
Quisera poder beijar-te
como as pombas nos pombaes!

10—12—93.

MYOSOTIS

ALBUM DA «LAGRIMA»

Na villa d'Espozende, havia, no anno de 1866, o seguinte letreiro, na esquina d'uma rua:

VIVA A RUA NOBA
Aqui SE CHAmAbA RuA
BElha P.r q ESE nOmE LHE
FOI DADO AGOrA É R
ua nObA PIO mt.º q SE
tEM AunEnta
DO.

No ultimo espectáculo do Gymnasio, um espectador dava palmas e pateada ao mesmo tempo piano a quatro patas...

De quaes queria elle fazer uso?..

O vinho da Vinicola é magnifico...

VERSOS—Publicamos hoje umas quadras, novas, originaes na forma, e que denunciam um bello espirito litterario, de Dá Mesquita.